

**UM ESTUDO DO PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO
DO ITEM LEXICAL EMBORA**

Gelson Martins de Souza (UEM)
martins_gs@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo abordar o processo de gramaticalização do item lexical embora, demonstrando que este se derivou do sintagma preposicionado em boa hora, sendo empregado até o século XV após o verbo ir no subjuntivo volitivo, expressando ideia de bom augúrio. Na etapa teórica do trabalho, elaborou-se uma definição acerca do processo de gramaticalização e suas diferentes funções gramaticais no português contemporâneos. Para a elaboração dessa etapa, fez-se o emprego de conceitos de teóricos com Christian Lehmann (1982), Bernd Heine (1991), Paul J. Hopper (1991), Maria Helena de Moura Neves (2004) e Francisco Jardes Nobre de Araújo (2013), entre outros. Para a etapa analítica do artigo, escolheram-se 50 sentenças que constituem o *Corpus Brasileiro*, o qual disponibiliza online sentenças tanto da língua falada quanto da língua escrita.

Palavras-chaves: Gramaticalização. Conectivos. Item lexical "embora".

1. Considerações iniciais

O presente artigo tem como função abordar o percurso histórico do processo de gramaticalização. Este se materializa, quando um item lexical se torna um item gramatical, ou ainda, quando um item gramatical se torna mais gramatical, podendo desenvolver mudanças de categoria sintática, exercer novas propriedades funcionais na sentença, sofrer alterações no nível semântico e fonológico, abandonando o status de forma livre e, em muitos casos, desaparecendo devido a uma cristalização externa.

Na concepção de Ataliba Teixeira de Castilho (1997), a gramaticalização é um fenômeno, estudado por um número significativo de correntes linguísticas. O ponto principal não discutir se o discurso ou a gramática é responsável por desencadear a gramaticalização, mas, sim, demonstrar que há processos cognitivos que corroboram para a ativação das potencialidades dos itens lexicais. De acordo com Ataliba Teixeira de Castilho (1997), o léxico é como “um módulo central da língua, em que são depositados itens já marcados por propriedades gramaticais, discursivas e semânticas”. (CASTILHO, 1997, p. 59)

Desde o século XIX, há inúmeros estudos que buscam entender

como se originam e se desenvolvem as categorias gramaticais. Ao se levar em conta uma visão funcionalista, a trajetória da mudança se desenvolve devido a aspectos de regularização do uso da língua, que se materializa a partir da elaboração de novas estruturas e arranjos lexicais, os quais são articulados pelos falantes, buscando suprir suas necessidades e propósitos comunicativos.

Segundo Célia Regina dos Santos Lopes (2008):

com a repetição de uma construção ou forma, algo que é casuístico se fixa, tornando-se normal e regular, ou seja, se gramaticaliza. A contínua regularidade ocorre quando as estratégias discursivas empregadas pelo falante numa situação comunicativa perdem a eventualidade criativa do discurso e passam a ser regidas por restrições gramaticais (do discurso para a gramática). É como se os elementos lexicais fossem perdendo suas potencialidades referenciais de representar ações, qualidades e seres do mundo biossocial e fossem ganhando a função de estruturar o léxico na gramática, assumindo, por exemplo, funções anafóricas e expressando noções gramaticais como tempo-modo, aspecto etc. (LOPES, 2008, p. 1)

Percebe-se, assim, que a frequência de uso de uma determinada unidade lexical contribuirá para a estabilização do sistema e fixação de novos usos. Outro fator significativo é que a repetição propícia que haja um enfraquecimento semântico dos itens lexicais, tornando-os mais gerais e mais abstratos, quanto aos significados. Essa alteração de significado possibilita que um item lexical se materialize em diferentes contextos discursivos com novas associações.

Todos esses conceitos de gramaticalização serão pensados a partir do item lexical *embora* que foi empregado, no século XV, principalmente, depois do verbo *ir* no subjuntivo volitivo como indicativo de bom augúrio. Na concepção de Ataliba Teixeira de Castilho (2010), o processo de gramaticalização se desenvolve a partir de quatro traços: item lexical perdeu seu caráter volitivo, sendo empregado como advérbio dêitico locativo; o *embora* passa a ser empregado com quaisquer verbos e se desloca como cabeça de uma sentença negativa; o item ocupa um papel de conjunção, construindo uma negação de expectativa em relação ao fato expresso na sentença; e o *embora* com valor concessivo.

Para o desenvolvimento da etapa analítica, escolheram-se 50 sentenças do projeto *Corpus* Brasileiro. Este é constituído por um bilhão de palavras do português brasileiro contemporâneo, levando-se em conta os diferentes tipos de linguagem que se materializam na sociedade.

2. Definição da gramaticalização

Segundo Guilherme Humboldt (1825), os conceitos de gramaticalização já se desenvolviam – sem se empregar tal terminologia –, porque as línguas vivenciam um processo de evolução das estruturas gramaticais, partindo do princípio de que em um estágio de língua no qual os léxicos eram empregados para nomear objetos concretos e ideias. O léxico “gramaticalização” foi empregado pelo linguista francês Antoine Meillet em 1912 em sua obra *L'évolution des Formes Grammaticales*, definindo-se como uma atribuição de caráter gramatical a uma unidade que era tida como autônoma. Para esse linguista, o que é interessante não é a origem das formas gramaticais, mas, sim, suas transformações ao longo da história.

Na década de 1970, novamente, o processo de gramaticalização retoma um lugar significativo nos estudos da linguagem, principalmente, a partir das pesquisas concretizadas por Christian Lehmann (1982) que estabeleceu um conjunto de parâmetros, os quais analisam a gramaticalidade a partir de aspectos sincrônicos e diacrônicos.

De acordo com Bernd Heine e Reh (1984), a gramaticalização é uma ferramenta descritiva que aponta o funcionamento da língua e seus traços universais, demarcando uma listagem de caminhos para o processo de gramaticalização.

A conceituação da gramaticalização dependerá da distinção entre as formas linguísticas. Como Francisco Jardes Nobre de Araújo (2013) preconiza, há dois tipos:

categorias lexicais e categorias gramaticais. Ao primeiro, tipo, pertencem os elementos que encontram sua referência no universo biopsíquico-social, designando entidades (substantivos), ações (verbos) e qualidades (adjetivos). No segundo tipo, estão os elementos que organizam os itens lexicais no discurso, tendendo a adequar-se a restrições morfosintáticas ou a verificar estratégias pragmático-discursivas, possuindo um valor estrutural ou funcional como as preposições, as conjunções, os artigos, os verbos auxiliares, os marcadores discursivos. Entre os elementos gramaticais, incluem-se também as desinências e os afixos, chamados por Bloomfield de “formas presas” (*bound forma*). (ARAÚJO, 2013, p. 40)

Na abordagem diacrônica, o termo gramaticalização é empregado para se referir a uma mudança de categoria lexical, que se materializa no processo evolutivo de uma língua para outra, tornando esta uma categoria gramatical como o substantivo *hora*, que por meio da expressão *ad hora*, transformou-se em *ora* conectivo coordenativo.

Para o funcionalismo linguístico, a gramaticalização envolve o crescimento de limites de um morfema, que tem um caráter lexical a um mais gramatical e, ainda, a mudança de um formante derivacional para um formante flexional.

De acordo com os princípios de Francisco Jardes Nobre de Araújo (2013), esse fenômeno pode ser estudado:

sob uma perspectiva diacrônica, se a explicação de como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua for a preocupação do estudo; ou sob uma sincrônica, se o foco for a identificação de graus de gramaticalidade desenvolvidos por uma forma linguística a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua. Outra possibilidade metodológica e a pancronia, a combinação daquelas perspectivas. (ARAÚJO, 2013, p. 41)

Os estudos de gramaticalização demonstram que a transposição de um item lexical a um item gramatical não se desenvolve de forma rápida. Conforme apontado por Christian Lehmann (1982), há três estágios. Sintetização, morfologização e desmorfemização. No primeiro estágio, há um deslocamento da categoria de origem da unidade lexical. Já no segundo estágio, a unidade lexical perde sua autonomia e a noção de forma livre, passando a ocupar o estatuto de forma presa. No último estágio, por sua vez, há o desaparecimento de um morfema de maneira que sua função se concretiza com outras unidades lexicais com as quais se relacionam.

Todos esses estágios de Christian Lehmann que buscam discutir o processo de gramaticalização, somam-se aos princípios estabelecidos de Paul J. Hopper (1991) que são: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização. No primeiro princípio, sob uma ótica funcional, as novas camadas se materializam de forma ininterrupta e coexistem, sem que haja um desgaste necessariamente; a divergência, por sua vez, refere-se ao fato do item lexical se gramaticalizar em um clítico ou em um afixo, a forma lexical original permanece como item autônomo; já a especialização se relaciona à possibilidade de um item se tornar obrigatório devido a uma redução no número de possibilidade de escolha; o quarto princípio está associado ao processo de gramaticalização de um item lexical, que permanece com suas características originais, na maioria das vezes, trazendo em si restrições sobre o comportamento gramatical desse item; descategorização, o último princípio, refere-se àquelas formas que estão em processo de gramaticalização, podendo apagar os traços morfológicos de nome e verbo, assumindo peculiaridade

des de outras categorias gramaticais como: adjetivo, participípio, preposição, conjunção etc.

Maria Helena de Moura Neves (2004), ao analisar os conceitos de Paul J. Hopper e Christian Lehmann sobre o processo de gramaticalização, entende que este é direcionado pelas seguintes tendências: paradigmática – a tendência em que uma forma se transforma em modelo de organização; obrigatorização – a tendência em que uma forma se torna obrigatória; condensação – a tendência em que uma forma se torna mais curta; aglutinação – a tendência em que uma forma se constitui a partir da fusão com outras formas; e fixação – a tendência em que é fixada uma ordem ou uma posição na sentença.

Na concepção de Haiman (1991), a gramaticalização está associada a essas duas espécies de mudança: o descoramento semântico e a redução fonética. O descoramento pode ser definido como um apagamento parcial do conteúdo semântico de um morfema. Já a redução fonética se dá, quando um item lexical perde substância fonética no processo de gramaticalização.

A gramaticalização se concretiza, quando há uma mudança de estatuto, ou seja, um item lexical se transforma em um item gramatical. Nesse processo, a palavra sofre a mudança de sua classe original de palavras, o que efetivamente não se desenvolve de maneira súbita, mas, sim, por meio de uma série de descolamentos individuais. Os estágios de sobreposição do processo de gramaticalização constituem uma cadeia, a qual é denominada de cline. Tradicionalmente, as mudanças seguem padrões semelhantes em distintas línguas. Para uma parte significativa dos linguistas, as etapas entorno do cline não são constituídas, na maioria das vezes, por uma posição fixa na sentença, mas, sim por uma variação. O padrão cline de gramaticalização, que será exposto abaixo, foi estabelecido por Paul J. Hopper e Traugott.

3. Cline de gramaticalização

palavra lexical → palavra gramatical → clítico → afixo flexional

O cline de gramaticalidade, de acordo com Francisco Jarden Nobre de Araújo,

tem implicações tanto diacrônicas quanto sincrônicas. Diacronicamente, os clines representam um caminho natural ao longo do qual as formas ou as palavras mudam com o tempo. Contudo, sincronicamente, os clines podem ser vis-

tos como um arranjo de formas ao longo de linhas imaginárias, com uma forma “plena” ou lexical numa extremidade e uma mais “reduzida” ou gramatical na outra. O que Hopper e Traugott queriam dizer é que, a partir de um ponto de vista diacrônico ou histórico, as mudanças de forma das palavras são vistas como um processo natural, ao passo que, sincronicamente, este processo pode ser visto como inevitável em vez de histórico. (ARAÚJO, 2013, p. 43)

O estudo da documentação dos clines permite que os linguistas elaborem padrões gerais, os quais regem o processo de gramaticalização e outros tipos de mudanças linguísticas. Tais fatos corroboram para a reelaboração dos estados mais arcaicos de uma determinada língua. Também podem contribuir para entender os rumos que a língua seguirá futuramente.

Outro aspecto significativo da gramaticalização é a unidirecionalidade, isto é, os itens lexicais se tornam gramaticais, ou ainda, os itens menos gramaticais se tornam mais gramaticais. Nas palavras de Francisco Jardes Nobre de Araújo (2013),

esta é uma das declarações mais fortes sobre gramaticalização, sendo frequentemente citada como um dos princípios básicos do processo. Além disso, a unidirecionalidade refere-se a uma orientação geral de desenvolvimento que todos (ou a ampla maioria) dos casos de gramaticalização têm em comum e que pode ser verificado, de modo geral, independentemente de qualquer caso específico. (ARAÚJO, 2013, p. 44)

4. O percurso histórico do conectivo *embora*

O conectivo *embora* se constituiu a partir da expressão “em boa hora” – a qual tem sua origem na língua latina *in bona hora* – de acordo com os conceitos de Manuel Said Ali (1971), o conectivo era empregado em sentenças optativas e imperativas, na maioria das vezes, corroboravam para expressar sentimentos de sinceridade e/ou cortesia. Tal fato se materializa na Idade Média e nos séculos subsequentes, pois se defende o princípio de que os atos seriam mais eficientes, dependendo da circunstância/hora em que eles desenvolvem. Para o teórico Silva (2009), “para começar algo importante, era fundamental escolher a boa hora”, devido a esse fato é constante o uso de locuções adverbiais.

Na concepção de Ataliba Teixeira de Castilho (2010), a expressão em boa hora foi empregada até o século XV, principalmente, depois do verbo ir no subjuntivo volitivo, ou seja, aquele que expressa desejo como na sentença “Vá em boa hora!” (CASTILHO, 2010, p. 378). Percebe-se nessa sentença que o falante expõe o desejo de que seu ouvinte retorne

em segurança. A partir dessa situação, inicia-se o processo de gramaticalização que se organiza em 4 etapas segundo os ideais de Ataliba Teixeira de Castilho (2010).

Na primeira etapa, Ataliba Teixeira de Castilho (2010) pontua que a expressão *em boa hora* se desloca da sua função volitiva, sofre alterações fonológicas e dá origem ao advérbio locativo *embora*. Além desses aspectos, o item continua a ser empregado junto a verbos de movimento como se constata na sentença:

(01)... a firma fala “tchau... vai *embora*” (D2 SP 343). (CASTILHO, 2010, p. 378)

Segunda etapa, o item lexical *embora* se materializa com outros verbos que não indicam obrigatoriamente movimento. Nessa nova abordagem, houve um deslocamento do verbo para o início de uma sentença de cunho negativo, podendo se concretizar antes da partícula *que*, desde que envolva um contexto comunicacional volitivo, ocasionando, assim, que os verbos sejam subjuntivos, conforme no trecho:

(02)*Embora que não tenha razão, ainda assim insiste.* (CASTILHO, 2010, p. 378)

Nas concepções defendidas por Ataliba Teixeira de Castilho (2010), na terceira etapa, o elemento *embora* também funciona sem a presença do *que*, desempenhando o papel de conjunção que tem o sentido de “ok, tudo bem, eu admito que não tenha razão” (CASTILHO, 2010, p. 378). Tal fato se desenvolve em contextos que exprimem negatividade, o item lexical *embora* tem valor de negação de uma expectativa e o empregado do modo subjuntivo do verbo passou a ser frequente.

(03)*Embora não tivesse tirado o hábito, já se comportava como um leigo.* (CASTILHO, 2010, p. 379)

Na última etapa, o item lexical *embora* passa a reger formas nominais de verbo e a introduzir sentenças como verificados nos exemplos (04) e (05).

(04)*Embora não tendo tido interesse momentâneo* (D2 SP 255). (CASTILHO, 2010, p. 379)

(05)*Tive oportunidade de fazer pesquisas sobre a maneira de falar do areense... do bahiano... ahn embora nordestinos* (D2 SP 255). (CASTILHO, 2010, p. 379)

Após uma análise das orações concessivas, Ataliba Teixeira de Castilho (2010) construiu dois esquemas sintáticos possíveis de ocorrên-

cia ao item lexical *embora*.

Esquema 1: P, embora não Q: Eu gosto muito de chuchu *embora todo mundo ache chuchu uma coisa sem graça* (DID RJ 328) (CASTILHO, 2010, p. 379). Nessa sentença se percebe que o autor destaca o caráter negativo que constitui Q, uma vez que está implícito o “chuchu sem graça”.

Esquema 2: Não P, embora Q: Evito comer queijos, *embora goste muito* (CASTILHO, 2010, p. 379). Nessa sentença se constata que o caráter negativo de P em que o caráter negativo de P está na sequência, justificando o fato de “evito comer”.

Segundo Maria Helena de Moura Neves (2000, *apud* GARCIA, 2014):

esses dois esquemas ao afirmar que, quando a oração concessiva é negativa, a oração nuclear é positiva e vice-versa, em função da relação de concessão com a não satisfação de condições e com a frustração de causalidades possíveis. Para a autora, esse jogo de polaridade é facilmente explicável pela natureza contrastiva das construções concessivas. Do ponto de vista lógico, para Neves, há um único esquema que define a concessão: *Embora P, Q*, sendo P a oração concessiva e Q a oração principal. A partir disso, Neves reconhece que há concessão quando P não constitui razão suficiente para não Q. (GARCIA, 2014, p. 148)

Com base no trabalho de Monteiro (1998) e no *corpus* de análise disponibilizado pela Biblioteca da PUC-RJ, far-se-á uma sistematização dos verbos que constituem a estruturas concessivas e também uma abordagem sobre as relações semânticas que podem ser expressas por meio da conjunção concessiva *embora*.

Nas sentenças em que o uso da conjunção *embora* se materializa, os verbos da oração principal podem estar no pretérito perfeito composto do indicativo, no presente do indicativo, no futuro do presente do indicativo, no imperativo negativo e no imperativo afirmativo. Já a porção da sentença introduzida pela conjunção *embora*, geralmente, estará no presente do subjuntivo. Como pode ser constatado em:

(06) A mata das Araucárias no Brasil é uma floresta tempera, *embora* seja indecídua, uma vez que suas folhas não caem durante o inverno.
(*Corpus* da PUC-RJ, p. 45)

As orações principais podem ser desenvolver com verbos no pretérito perfeito ou imperfeito do indicativo. Nessa situação, as orações concessivas serão formadas por verbos no pretérito mais que perfeito

composto do subjuntivo, o que pode ser comprovado no exemplo (07):

- (07) **Surpresa com a informação Xuxa garantiu que <ficaria muito feliz> em desfilar, embora ainda não tivesse recebido convite, e elogiou o tema escolhido, <principalmente para as crianças>. (Corpus da PUC-RJ, p. 46)**

Em algumas situações, as orações principais também podem apresentar verbos no pretérito perfeito, no presente e no futuro do presente do indicativo. Diante desse quadro, as concessivas serão constituídas por verbos no pretérito perfeito do subjuntivo. Como se materializa nas sentenças abaixo:

- (08) **Aqui, ao contrário do que se verifica na caatinga, os rios não secam, embora tenham o seu volume de água diminuído. (Corpus da PUC-RJ, p. 46)**

Diante desses aspectos, tem-se a seguinte sistematização:

EMBORA	
ORAÇÃO PRINCIPAL	ORAÇÃO CONCESSIVA
Pres. Ind.	Pres. Subj.
Fut. Pres. Ind.	Pres. Subj.
Pret. Pres. Comp. Ind.	Pres. Subj.
Imp. Afirm. e Neg.	Pres. Subj.
Pret. Perf. Ind.	Pret. Imp. Subj.
Pret. Imp. Ind.	Pret. Imp. Subj.
Fut. Pret. Ind.	Pret. Imp. Subj.
Pret. Mais que Perf. Ind.	Pret. Imp. Subj.
Pres. Ind.	Pret. Imp. Subj.
Pret. Perf. Ind.	Pret. Mais que Perf. Ind.
Pret. Imp. Ind.	Pret. Mais que Perf. Ind.
Pret. Perf. Ind.	Pret. Perf. Subj.
Pres. Ind.	Pret. Perf. Subj.
Fut. Pres. Ind.	Pret. Perf. Subj.

Quadro 1 retirado e readaptado do *Corpus* da PUC-RJ, p. 47.

O *corpus* disponibilizado pela PUC-RJ traz a possibilidade de o verbo está elíptico em uma sentença, principalmente, quando este estiver seguido por um atributo como no seguinte trecho:

- (09) **Mas, embora (seja) resistente, ele é flexível (o osso não tem flexibilidade). (Corpus da PUC-RJ, p. 47)**

Além das situações descritas, o item lexical *embora* se manifesta em orações concessivas em que os verbos estejam no infinitivo – estando elíptico ou não –, quando o conectivo *embora* é seguido pela preposição

sem como na sentença:

- (10) Se o pavilhão for amputado (antigamente isso era feito como castigo para os inimigos ou para as mulheres infiéis aos maridos), o indivíduo continuará ouvindo perfeitamente, *embora* sem (ter) noção do sentido da procedência do som. (*Corpus da PUC-RJ*, p. 47)

Ao se levar em conta as relações semânticas que podem ser expressas pelo conectivo *embora*, o *corpus* fornecido pela PUC-RJ demarca não só sentido de contraste e de certeza, mas também de adição, de exceção e de comparação. Tais sentidos podem ser verificados nas sentenças abaixo:

- (14) O coração, por exemplo, é um órgão formado principalmente por tecido epitelial e muscular, *embora* também possua tecido nervoso e conjuntivo. (*Corpus da PUC-RJ*, p. 48)
- (15) A maior parte dessa lubrificação é produzida pela mulher, *embora* o homem elimine pela uretra secreções produzidas por glândulas acessórias a seu sistema reprodutor. (*Corpus da PUC-RJ*, p. 48).
- (16) A quantidade de sangue perdido é de cerca de 70 ml, *embora* muitas mulheres normais percam maiores quantidades em cada mês. (*Corpus da PUC-RJ*, p. 48).
- (17) Ligado ao amor, constitui-se numa das mais gratificantes formas de inter-relacionamento pessoal, *embora* o amor se baseie mais em fatores mentais e emocionais do que em pura sexualidade. (*Corpus da PUC-RJ*, p. 48)

De forma geral, pode-se afirmar que as sentenças concessivas, que são introduzidas pelo conectivo *embora*, o enunciador do texto concorda com o que está expresso na oração principal, todavia apresenta um argumento com maior força na oração principal.

5. *Análise do item lexical embora em sentenças do Corpus Brasileiro*

Nesta etapa, serão aplicados os conceitos de gramaticalização do item lexical *embora* que, no século XV, foi empregado, principalmente, depois do verbo ir no subjuntivo volitivo como indicativo de bom augúrio. Na concepção de Ataliba Teixeira de Castilho (2010), o processo de gramaticalização se desenvolve a partir de quatro passos/ traços.

O primeiro traço significativo da gramaticalização do item lexical em questão é que perdeu seu caráter volitivo, sendo empregado como advérbio dêitico locativo, o qual indica um espaço vazio como em: “Fomos *embora*” (CASTILHO, 2010, p. 379). Apesar dessa nova funcionalidade

do item *embora*, este continua a se materializar posposto ao verbo.

O segundo passo apontado por Ataliba Teixeira de Castilho é que o *embora* passa a ser empregado com quaisquer verbos e se desloca como cabeça da sentença de uma sentença negativa, aparecendo antes de um volitivo, o qual rege o subjuntivo como na sentença: “*Embora* que não tinha razão, ainda assim insiste”. (CASTILHO, 2010, p. 378)

No terceiro passo, o item *embora* ocupa um papel de conjunção, construindo uma negação de expectativa em relação ao fato expresso na sentença. Tal pode ser visualizado no exemplo de Ataliba Teixeira de Castilho (2010): “*Embora* não tivesse tirado o hábito, já se comportava como um leigo”. (CASTILHO, 2010, p. 379)

No quarto passo, o *embora* com valor concessivo se alarga, passando a reger não formas nominais como também ligar constituintes sentenciais como nos exemplos a seguir respectivamente: “*Embora* não tendo tido interesse momentâneo”; e “Tive oportunidade de fazer pesquisas sobre a maneira de fala do cearense...do baiano...ah *embora* nordestinos”. (CASTILHO, 2010, p. 379)

As 50 sentenças em que o item *embora* se materializa no *Corpus Brasileiro* serão expostas no anexo 1, levando em conta o processo de gramaticalização.

Neste momento do artigo, far-se-á a apresentação de um quadro que sintetize os dados coletados e, na sequencialidade, uma abordagem analítica.

O quadro trará os novos valores que foram atribuídos ao *embora* devido à gramaticalização, sendo representados pelas seguintes funções: bom augúrio; advérbio locativo; cabeça de sentença negativa; conjunção de negação de expectativa; e valor concessivo.

O item lexical <i>embora</i> e suas funções	Identificação de sentenças do <i>Corpus Brasileiro</i>	100%
Bom augúrio	-	0%
Advérbio locativo	(1), (10), (13), (24), (27), (28) e (43).	14%
Cabeça de sentença negativa	(4)	2%
Conjunção de negação de expectativa	(3), (8), (9), (11), (12), (14), (16), (17), (18), (19), (20), (21), (22), (23), (25), (26), (32), (35), (36), (37), (40), (41), (42), (44), (46), (47) e (48).	54%
Valor concessivo	(2), (5), (6), (7), (15), (29), (30), (31), (33), (34), (38), (39), (45), (49) e (50).	30%

Quadro 2

No estudo do *Corpus* Brasileiro, o analista teve acesso a 5.000 sentenças, que foram selecionadas aleatoriamente, das quais foram escolhidas 50 sentenças que compuseram o presente artigo. Em princípio, observa-se que o item lexical *embora* não se desenvolve em nenhum dos registros para expressar bom augúrio, como foi empregado até o século XV após o uso de verbo ir no subjuntivo volitivo.

Já o uso do item *embora* como advérbio locativo se desenvolve em 14% das sentenças do *Corpus* Brasileiro, pois o objetivo dos produtores das sentenças é demarcar um espaço vazio. Tal afirmativa pode ser comprovada nos seguintes trechos: “(13) Um dia eu vi ele no hospital, ela ficou feliz de vê-lo e perguntou para ele se estava tudo bem, a tia e eu chegamos e ele foi *embora*” e (28) “Mário foi *embora* do governo porque quis”. Constata-se que no exemplo (13), o produtor da sentença não tem conhecimento do lugar ao qual o “ele” se dirigiu após ter saído do hospital – este espaço de referência é físico. No segundo exemplo, entende-se que Mário foi *embora* do governo, ou seja, saiu do governo a fim de desenvolver outras atividades – o espaço referido não é um lugar físico.

Dentre as 50 sentenças em análise, apenas uma apresenta o item lexical *embora* como cabeça de uma sentença negativa, figurando antes de volitivo. Situação que se constata no fragmento (4) “Para Cavaliere, «Na constelação dos novos direitos, o direito do consumidor é sem dúvida uma estrela de primeira grandeza, já pela sua finalidade, já pela sua amplitude do seu campo de incidência, *embora* muitos juristas não a queiram enxergar»” Nesse fica evidenciado que o verbo *querer* indica uma pretensão de muitos juristas, os quais não estão determinados na sentença a respeito dos novos direitos dos consumidores.

O maior número de incidência do item lexical *embora* no *Corpus* Brasileiro se materializa com o valor de negação de expectativa. Em 54% das sentenças, ou seja, em 27 delas, o *embora* foi estabelecido por meio de um valor metonímia de negação em sentenças como: “ (40) O valor do risco relativo foi menor para homens estilistas moderados (0,4), *embora* as diferenças com os valores das demais categorias não tenham sido significativas” e “(41) Aceitar o paradigma psicanalítico na educação significa desprender-se de preocupações dessa natureza e enxergar que os saberes da Psicanálise, *embora* não conduzam a escola, com segurança e objetividade, numa direção claramente definível, podem, como alternativa, interferir na visão que o educador tem de si mesmo, de seus alunos e do sentido que a educação possui como processo constituidor da personalidade humana”. No exemplo 40, evidencia-se que o *embora* tem um va-

lor de negativa de expectativa em relação aos valores das demais categorias. No segundo exemplo, confirma-se, então, que o *embora*, mais uma vez, estabelece uma ideia de negação em relação aos objetivos da escola.

O valor concessivo é expresso pelo item *embora* e pela construção *muito embora*, 12 sentenças trouxeram o primeiro item, já 3 foram marcadas pela segunda construção. Fatos que podem ser constatados nos trechos: “ Marcos Tenório, chefe de gabinete Presentes na Casa Certifico, a pedido do deputado Sérgio Novais (PSB-CE), que nos dias 31/3, 10/6, 17/6 e 30/6 não consta o registro eletrônico da presença do referido parlamentar nas sessões da Câmara, *embora* seu comparecimento à Casa, naquelas mesmas datas, tenha sido anotado pela secretaria geral da Mesa” e “(50) Muito *embora* diversas formas de integração venham ocorrendo, desde longa data, no Brasil a primeira iniciativa oficial decorreu da implantação do programa de Educação Cooperativa, anotado no I Plano de Desenvolvimento, incluindo o "Projeto 16 – Integração Escola/Empresa/Gover", como uma das metas de ação do Plano Setorial de Educação e Cultura. Na sentença (49), o item *embora* demarca que mesmo que o parlamentar não tenha comparecido às sessões, a secretaria geral da mesa anotou sua presença. Na sentença (50), a marcação de concessão se dá por meio da construção *muito embora*, especificando que muitas formas de integração estão sendo inseridas.

6. Considerações finais

O objetivo desse trabalho foi elaborar uma discussão a respeito do fenômeno denominado de gramaticalização, demonstrando que itens lexicais se tornam gramaticais e que itens gramaticais se tornam mais gramaticais devido às diferentes situações de uso que se materializam nas práticas sociais de um indivíduo.

Para a constituição desse estudo, escolheu-se o item lexical *embora*, uma vez que ao longo da análise empreendida se evidenciou que o item perdeu o seu sentido de bom augúrio, concretizando-se em uma superdiversidade de contextos com outros valores e sentidos diferentes.

O *Corpus* Brasileiro, que é constituído por 5.000 sentenças, subsidiou à seleção das 50 sentenças, em que o *embora* se realizava. Na etapa analítica, observou-se que o uso do *embora* com função de bom augúrio não se concretizou em nenhuma sentença. Já as novas acepções do item *embora* se desenvolveram com os seguintes percentuais: advérbio

locativo se desenvolve em 14% das sentenças; cabeça de uma sentença negativa, figurando antes de volitivo 2%; o valor de negação de expectativa em 54% das sentenças; e o valor concessivo em 30% das sentenças.

Em termos gerais, pode-se afirmar que o artigo não pretende exaurir a temática, mas, sim, trazer algumas conceituações acerca do item *embora*, que extrapolem as abordagens das gramáticas tradicionais e, efetivamente, valorizem o uso real da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANÁLISE de corpus. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1012087_2012_cap_4.pdf>. Acesso em: 20-07-2016.

ARAÚJO, Francisco Jardes Nobre de. A Gramaticalização de *embora*: um caso prototípico. *Verbum – Cadernos de pós-graduação*, n. 5, p. 39-53, 2013.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A gramaticalização. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 19, p. 25-64. Salvador: Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UFBA, 1997.

_____. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CORPUS Brasileiro. Disponível em: <www.corpusbrasileiro.pucsp.br>. Acesso em: 20-07-2016.

GARCIA, Talita Storti. *As relações concessivas no português falado sob a perspectiva da gramática discursivo-funcional*, 2010. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Campus de São José do Rio Preto.

_____. Orações concessivas introduzidas por *embora*: uma análise discursivo-funcional. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, vol. 43, n. 1, p. 145-160, jan-abr 2014.

_____; PEZATTI, Erotilde Goreti. Orações concessivas independentes à luz da gramática discursivo-funcional. *ALFA*, São Paulo, vol. 57, n. 2, p. 475-494, 2013.

HEINE, Bernd. *Cognitive Forces and Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 1993. Disponível em:

<<http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=d2m78LjrJAC&oi=fnd&pg=PP12&dq=Cognitive+Forces+and+Grammaticalization.&ots=eOoKnFdZyo&sig=kOoRg4s9g04xfvyS2e72RKYawo>>. Acesso em: 23-06-2016.

_____; KUTEVA, Tania. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. Disponível em: <http://ebookey.org/World-Lexicon-of-Grammaticalization_1248173.html>. Acesso em: 23-06-2016.

_____; _____. *The Genesis of Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2007. Disponível em: <<http://lotos.library.uu.nl/publish/articles/000283/bookpart.pdf>>. Acesso em: 23-06-2016.

HOPPER, Paul J.; HOPPER, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. Disponível em: <<http://ccat.sas.upenn.edu/~haroldfs/drauling/hopper1.html>>. Acesso em: 23-06-2016.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticalization: A programmatic sketch*. Colônia: Arbeiten des Kölner Universalien – Projekts 48, 1995. Disponível em: <<http://ebookbrowse.com/thoughts-on-grammaticalization-pdf-d43705358>>. Acesso em: 23-06-2016.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Frankfurt: Vervuert; Madri: Iberoamericana, vol. 18, 2003.

_____. *Gramaticalização: definição, princípios e análise de dados*. 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.